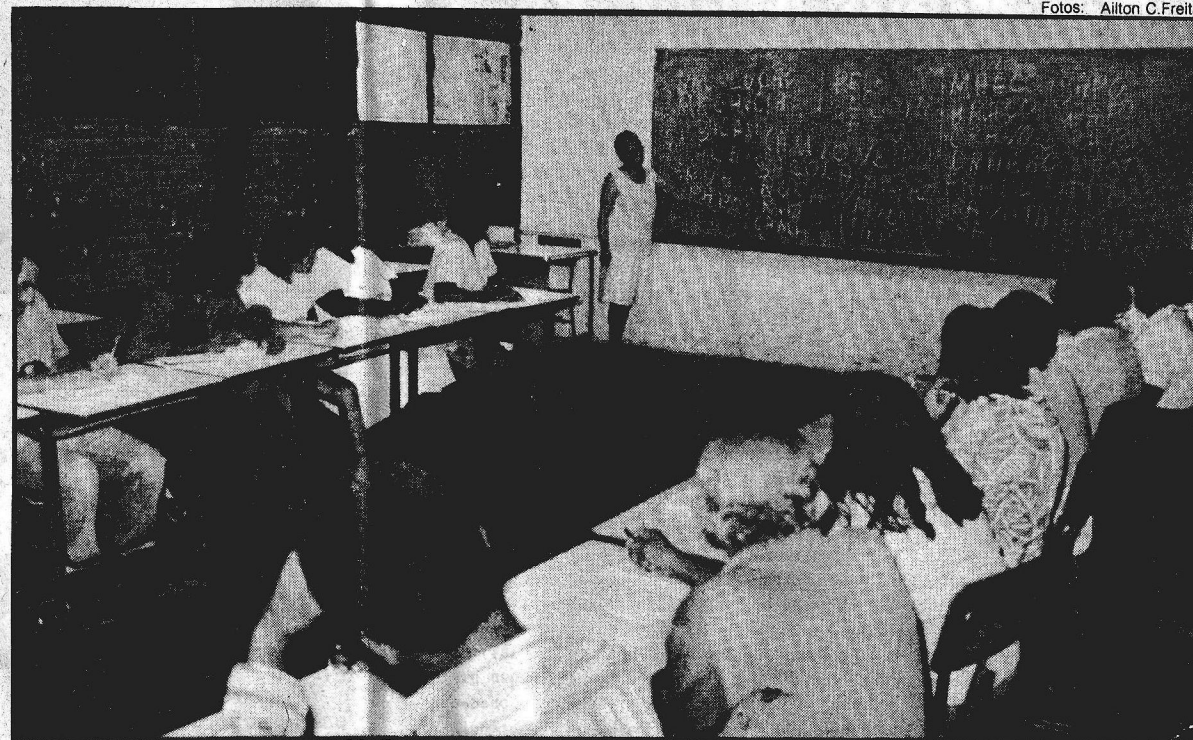


Alunos do bê-a-bá vencem as limitações

Fotos: Ailton C. Freitas

Com dificuldades para atos simples como fazer compras ou tomar um ônibus, envergonhados muitas vezes de suas próprias limitações, os analfabetos têm uma grande ânsia de aprender. É o que demonstram casos como os de Raimunda da Silva Nazário, que aos 60 anos aprendeu a ler, escrever e contar e agora frequenta o supletivo no Sesi, na Ceilândia. Em salas de aula onde é aplicado o método Paulo Freire, gente pobre, de idade variada, descobre alegremente o valor dos fonemas e aprende a formar palavras como "lote", que fazem parte de seu vocabulário cotidiano. Bem aparelhado de métodos, segundo a professora Maria Luiza Angelim, coordenadora do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos da UnB, o Brasil só mantém altos níveis de analfabetismo por falta de "vontade política".



Dona Raimunda, ou Geralda, alfabetizou-se aos 60 anos pelo método que envolve os alunos dentro de sua própria realidade

M. Cavalheiro

"Revuluço", "melhcilha", "ab-ci", "rua", "pato", "pele" — as palavras vão sendo postas no quadro, ditadas letras por letra pelos alunos, que aqui são chamados "colegas". Pouco depois, eles próprios localizarão e corrigirão os erros. Dona Inês Nunes Moreira, a auxiliar de cozinha da Embrapa, ri à farta e agita nervosamente, sob a carteira, o pé mal coberto por um chinelinho estampado.

Camisa vermelha, surrada, olhos de um azul esmaecido pelo tempo, o ex-carroceiro Lourival Alves Silva, 65 anos recém-feitos, observa com atenção cada movimento. Doente, ele aproveita a impossibilidade de trabalhar para ver se, desta vez, consegue aprender a ler e fazer contas. Ele diz que gosta do curso — está aprendendo, ao contrário do que aconteceu quando teve aulas do Mobral.

Mobral

O Movimento Brasileiro de Alfabetização é citado com críticas severas pelos educadores. Maria Luiza Angelim, a coordenadora do Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos da UnB, lembra o que se chama "efeito Mobral": criado para erradicar o analfabetismo, esta instituição acabou por ampliá-lo. "O Mobral foi criado em 1970, e a taxa de analfabetismo do Brasil cresceu de 25,29% para 25,76% entre 1976 e 1987", diz a professora, citando uma de nossas imprecisas estatísticas, referentes à população com mais de cinco anos de idade.

Segundo ela, é comum que as pessoas reajam a uma proposta de alfabetização perguntando se é do Mobral ou, mais simplesmente, "do tijolo". Se for, não aceitam, porque isto já não deu certo uma

vez. A expressão "do tijolo" tem origem no fato de que o Mobral, tomando emprestado uma faceta do Método Paulo Freire, começava por este termo o aprendizado. Hoje, na Ceilândia, a palavra número um é o "lote", e resulta de um levantamento do universo vocabular da satélite, feito previamente.

Voluntarismo

Quando se lançou a este programa, em 1985, a UnB pretendia trabalhar com normalistas, treinados na própria escola — mas a ação foi interrompida um ano depois, com a demissão de diretores eleitos, que se recusam a participar do chamado "programa irmãozinho" — um plano de complementação alimentar infantil considerado eleitoreiro e demagógico.

"Queríamos evitar o voluntarismo", diz a professora Maria Luiza, considerando que este ano não é um componente presente no esquema atual, em que a UnB colabora com instituições comunitárias, orientando programas de alfabetização conduzidos por jovens. "Todos são assalariados", argumenta. "Queremos que esta atuação seja profissional." É fato. Mas as palavras de Maria Madalena, a ex-freira de Ceilândia, não deixam de transparecer certo voluntarismo: "Queríamos trabalhar com educação em um sentido mais amplo. Alfabetizar é função do Estado. Mas se ele não a cumpre, alguém tem que sofrer para fazer isto", considera. Noite fechada, em uma sala de aula da Escola Classe número três, na Ceilândia, estimulados pela coordenadora Luisa Abadia Teixeira Lemos, dona Inês, o ex-carroceiro Lourival e seus colegas vão dando forma final às palavras: "revolução", "melancolia", "abacaxi"...